

A EXPRESSÃO DA 1PP EM CONTEXTOS SINTÁTICOS DE COMPLEMENTAÇÃO E ADJUNÇÃO E O PROBLEMA DE AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MACEIÓ/AL

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

Resumo: Partindo do pressuposto de que as formas linguísticas variantes apresentam o mesmo valor de verdade, mas podem diferir quanto às avaliações sociais, mensuramos as normas subjetivas dos falantes maceioenses em relação à expressão da 1PP em contextos sintáticos de complementação e adjunção, tomando por base o contexto situacional – informal e formal. Para tanto, recorremos à Teoria da Variação Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 2003) e elaboramos um teste de reação subjetiva. Os julgamentos dos falantes sinalizam que apesar de *a gente* ser aceitável tanto em contexto informal quanto em contexto formal, há funções sintáticas em que essa variante é menos aceitável, como objeto direto e relações de posse, principalmente no contexto formal. Os dados também parecem indicar que *a gente* não sujeito funciona como um traço linguístico que exhibe estratificação tanto estilística quanto social, mas abaixo do nível de consciência, suscitando respostas regulares em testes avaliativos.

Palavras-chave: 1PP. Complementação. Adjunção. Avaliação.

Abstract: Based on the assumption that variant linguistic forms have the same truth value, but may differ in social evaluation, we measure the subjective norms of maceioense speakers in relation to the expression of 1PP in syntactic contexts of complementation and adjunction, based on the context situational - informal and formal. For that, we used the Theory of Linguistic Variation (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 2003) and we elaborated a test of subjective reaction. The judgments of the speakers signal that although *a gente* is acceptable both in the informal context and in the formal context, there are syntactic functions that this variant is less acceptable, as direct object and relations of ownership, especially in the formal context. The data also seem to indicate that *a gente* non-subject acts as a linguistic trait that exhibits both stylistic and social stratification but below the level of consciousness, eliciting regular responses in evaluative tests.

Keywords: 1PP. Complementation. Adjunction. Evaluation.

Introdução

A implementação de *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*, que, ao passar por um processo de gramaticalização (cf. OMENA, 1996, 2003; LOPES, 2002, 2004), perdeu os

Professora doutora de Língua Portuguesa e Linguística no curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão – UFAL e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL, Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil. E-mail: elyne.vitório@gmail.com.

traços formais de número e gênero [+ feminino] e ganhou o traço [+ pessoa]. Encaixado no sistema linguístico do português brasileiro, o pronome *a gente* não só tem ocupado o espaço de *nós* para a referência à IPP na função sintática de sujeito, como também começa a se implementar nos contextos sintáticos de complementação e adjunção.

Na posição de sujeito, conforme pontuam Vianna e Lopes (2015), *a gente* é a forma preferida nas variedades brasileiras analisadas, com a variação *nós* e *a gente* sendo condicionada pelas variáveis paralelismo formal e discursivo, tempo verbal, determinação do referente, saliência fônica, preenchimento do sujeito, faixa etária, sexo/gênero e escolaridade, com o pronome inovador sendo mais frequente nos seguintes contextos: antecedido por *a gente*, formas verbais menos marcadas, referente indeterminado, menor diferença fônica entre as formas verbais, sujeito preenchido, falantes femininos, menos escolarizados e mais jovens.

Em relação à realização de *a gente* nas funções sintáticas de complemento e adjunto, pesquisas sociolinguísticas (OMENA, 1986; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; TAMANINE, 2010; VIANNA; LOPES, 2012; VITÓRIO, 2017a) mostram que a variação *nós* e *a gente* tende a ser condicionada pelas variáveis paralelismo formal, tipos de núcleo, relações gramaticais, sexo/gênero e escolaridade, com a variante *a gente* sendo mais frequente nos seguintes contextos: antecedida por *a gente*, núcleo verbal, (oblíquo) complemento e acusativo, entre os falantes menos escolarizados, mais jovens e femininos.

Tomando por base a pesquisa de Vitória (2017a) que mostra que, na fala maceioense, *nós* e *a gente* estão em competição tanto na função de sujeito quanto nas funções de complemento e adjunto, focalizamos, neste estudo, a variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto. Para tanto, consideramos o problema de avaliação linguística (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e objetivamos responder à seguinte questão: como a variação *nós* e *a gente* nas funções de não sujeito é avaliada pelos falantes, tendo em vista a (in)formalidade do contexto social (fala do dia a dia e fala apresentando seminário)?

Para a análise e discussão dos dados, partimos do pressuposto de que embora as formas linguísticas variantes apresentem o mesmo valor de verdade ou representacional podem diferir quanto às avaliações ou valorações sociais, o que se dá por conta das pressões sociais que operam constantemente sobre a língua (LABOV, 1972). Isso implica considerar que a língua está em constante processo de avaliação, logo a preferência pelo uso de uma forma em relação à outra em uma dada situação comunicativa também está relacionada a processos de avaliação e/ou emissão de reações subjetivas dos falantes/ouvintes.

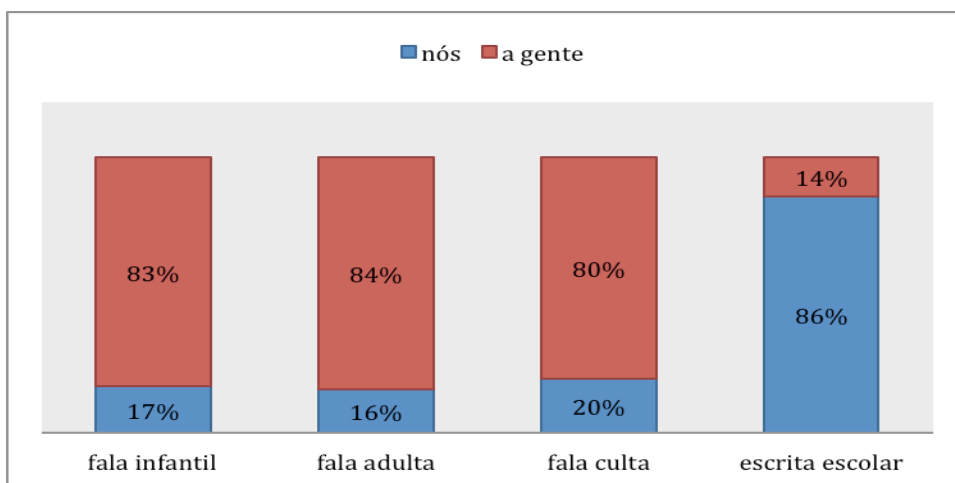
A fim de cumprir o propósito enunciado, estruturamos nosso artigo da seguinte forma: além desta primeira seção introdutória; apresentamos, na seção “A IPP na fala maceioense”,

como os pronomes *nós* e *a gente* se comportam nessa comunidade de fala; destacamos, na seção “Aporte teórico-metodológico”, alguns aspectos concernentes aos pressupostos teóricos adotados neste estudo e descrevemos a metodologia desenvolvida para a realização desta pesquisa; analisamos e discutimos os resultados obtidos na seção “Análise e discussão dos dados”; encerramos as discussões levantadas acerca do tema nas “Considerações finais”.

A 1PP na fala maceioense

O processo de substituição de *nós* por *a gente* na posição de sujeito tem sido objeto de estudos sistemáticos em diversas variedades do português brasileiro, que mostram que, de maneira geral, na língua falada, gradativamente *a gente* tem ocupado o espaço de *nós*, sendo essa variação caracterizada como um processo de mudança, condicionado por restrições linguísticas e sociais. Em Maceió, observamos, conforme gráfico 1, que, na língua falada, *a gente* é o pronome preferido – 83% na fala infantil, 84% na fala adulta e 80% fala culta, mas, na escrita escolar, *nós* é a variante selecionada, com apenas 14% de uso de *a gente*.

Gráfico 1: Percentuais de *nós* e *a gente* sujeito na cidade de Maceió/AL



Fonte: Vitório (2017b, p. 71)

Em relação aos contextos que favorecem o uso de *a gente*, temos que, na língua falada, *a gente* é favorecido quando o verbo está na 3PS, quando *a gente* é antecedido por *a gente*, quando o sujeito é preenchido, entre os falantes menos escolarizados, do sexo feminino e mais novos. Na escrita escolar, as poucas realizações do pronome inovador são favorecidas

quando *a gente* é antecedido por *a gente*, com o verbo na 3PS, quando o sujeito é preenchido, entre os alunos do ensino fundamental, do sexo feminino e quando o tema da produção textual exige menor monitoramento, como o relato de experiências pessoais dos alunos.

Outro ponto a destacar sobre a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade de fala maceioense diz respeito ao valor social atribuído a essas formas variantes. De acordo com Vitória (2017b), os dados de percepção não coadunam com os dados de produção, tendo em vista que os falantes não só acreditam usar mais o pronome *nós* – 54% *versus* 46% de *a gente*, como também julgam melhor o seu uso – 62% *versus* 38% de *a gente*, principalmente na situação formal – 90%, com o pronome inovador sendo o preferido na situação informal – 56%, caracterizando-se como um traço linguístico do tipo marcador.

Vale ressaltar que esses dados referem-se ao uso de *nós* e *a gente* em sentenças que expressam relação de concordância verbal simétrica – *nós* + *1PP* e *a gente* + *3PS*, pois em contextos em que esses pronomes ocorrem em relação de concordância verbal assimétrica – *nós* + *3PS* e *a gente* + *1PP*, os falantes argumentam que são formas linguísticas que não usariam ou acham ruins, caracterizando-se, segundo a autora, como estereótipo linguístico, fortemente sensível à avaliação social. Dessa forma, não é a forma *a gente* que é estigmatizada, mas a relação de concordância estabelecida entre o pronome e o verbo.

Em relação à variação *nós* e *a gente* em contextos sintáticos de complementação e adjunção, Vitória (2017a), com o objetivo de analisar como essa variação ocorre na fala maceioense, mostra não só que, no cômputo geral dos dados, a variante conservadora ainda é a forma pronominal preferida nessa comunidade de fala – 61% *versus* 39% de *a gente*, como também que o pronome preferido na posição de sujeito começa a se implementar em outras funções sintáticas, com essa variação sendo condicionada pelas variáveis tipos de núcleo, relações gramaticais, paralelismo formal, sexo/gênero e escolaridade.

Ao observarmos as realizações dessas variantes, tomando por base as relações gramaticais e os tipos de núcleo considerados pela autora, verificamos, conforme tabela 1, que a variante inovadora é mais frequente nas funções sintáticas de acusativo – 40% e (obliquo) adjunto – 21% pertencentes ao núcleo verbal, ao passo que, na função de (obliquo) adjunto pertencente ao núcleo nominal, *nosso(a)* é a variante preferida – 77%. A variante inovadora *a gente* também é favorecida quando antecédida por *a gente* em outras funções sintáticas diferentes de sujeito, entre as mulheres e entre os falantes menos escolarizados.

Tabela 1: 1PP segundo as variáveis relações gramaticais e tipos de núcleo

	Acusativo		Dativo		(Obl.) Compl.		(Obl.) Adj.	
	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente
Núcleo nominal	-	-	-	-	4 / 80 5%	3 / 80 4%	62 / 80 77%	11 / 80 14%
Núcleo verbal	2 / 48 4%	19 / 48 40%	9 / 48 19%	2 / 48 4%	1 / 48 2%	5 / 48 10%	-	10 / 48 21%

Fonte: Vitório (2017a, p. 133)

É a partir desses estudos que mensuramos as normas subjetivas dos falantes maceioenses em relação à variação *nós* e *a gente* em contextos sintáticos de não sujeito. Para tanto, partimos do pressuposto de que estamos diante de um traço linguístico social e estilisticamente marcado, o que significa considerar que a polarização informal e formal pode revelar nuances da implementação de *a gente* e da conservação de *nós* na comunidade de fala maceioense. Nesse contexto, nosso intuito é também contribuir para o desvelamento da variação na 1PP no português brasileiro, conforme pontuam Martins e Abraçado (2015).

Aporte teórico-metodológico

Para o desenvolvimento deste estudo, recorreremos à Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972), que se firmou na década de 1960 e baseia-se na análise do uso real da língua, considerando seu caráter inerentemente variável. A língua é dotada de uma heterogeneidade ordenada, que pode ser estudada tomando por base até cinco problemas empíricos da mudança linguística, a saber: restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação das formas variantes. O foco de nossa atenção recai, especificamente, sobre o problema empírico da avaliação linguística.

O problema de avaliação responde à seguinte questão: como as mudanças são avaliadas por seus efeitos na estrutura linguística e na estrutura social? Esse problema diz respeito à consciência que os falantes têm sobre as formas da língua e ao poder que sua atitude pode vir a exercer no processo de mudança, ou seja, está relacionado ao nível de atenção dos falantes em relação à fala, buscando compreender três fatores: de que maneira uma comunidade de fala avalia determinada mudança linguística, qual o efeito dessa avaliação na mudança e até que ponto o estigma social influencia o curso da mudança.

Também consideramos a proposta de Labov (1972) de que o estilo adotado pelo falante condiciona a escolha das variantes linguísticas, o que significa considerar que “não há falante de estilo único” (LABOV, 2003, p. 234), pois, a depender da situação, o falante alternará entre um estilo informal e/ou formal, mostrando que tem competência para ajustar o uso da língua ao contexto. Em situações mais formais, há uma tendência ao uso de formas linguísticas prestigiadas socialmente; em contraste, em situações informais, essas formas tendem a diminuir, aumentando o uso de variantes consideradas informais pela comunidade.

Labov (2003) também pontua que os falantes tendem a mudar de forma regular o uso das variantes formais e informais, com a mudança estilística sendo determinada por diversos fatores: (i) papéis socioculturais assumidos pelos interlocutores (professor-aluno, pai-filho, amigo-amigo, patrão-empregado, etc.); (ii) assunto tratado (economia, política, viagem, família, namoro, religião, etc.); (iii) características socioculturais dos falantes (sexo, idade, profissão, escolarização, classe social, etc.); (iv) domínio em que ocorre a situação comunicativa (trabalho, lar, escola, igreja, universidade, praia, shopping, etc.), entre outros.

Para mensurarmos o que pensam os falantes maceioenses sobre o uso de *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, elaboramos um teste de reação subjetiva. Para cada contexto analisado – objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial e relações de posse, elaboramos cinco frases, mais três distratores para cada contexto, totalizando 32 frases no teste, elaboradas tomando por base o contexto linguístico, a saber, fala informal e fala formal, conforme figura 1. Freitag et al. (2015, 2016) argumentam que testes de reações subjetivas refletem os julgamentos dos falantes quanto a sua percepção sociolinguística.

Figura 1: Excerto do instrumento de coleta de dados de reação subjetiva

Quando você está conversando com seu melhor amigo, você fala mais:

- nossas aulas foram canceladas
- as aulas da gente foram canceladas

Quando você está apresentando um trabalho na faculdade, você fala mais:

- a professora nos tratou bem
- a professora tratou a gente bem

Quando você está apresentando um trabalho na faculdade, você fala mais:

- o professor nos mandou o trabalho
- o professor mandou o trabalho para nós
- o professor mandou o trabalho para a gente

Quando você está apresentando um trabalho na faculdade, você fala mais:

- o coordenador falou conosco
- o coordenador falou com a gente

Fonte: elaborada pela autora

O teste foi aplicado a 60 informantes maceioenses, com idades entre 18 a 47 anos, que estavam cursando o ensino superior, durante os meses de abril a julho de 2017. Primeiramente, os informantes preencheram uma ficha social, contendo as seguintes informações: cidade em que nasceu, bairro em que mora, bairro em que morou durante a infância, idade, sexo/gênero e profissão. Em seguida, receberam as instruções a respeito de como responder ao teste e responderam-no, tendo em mente o seu comportamento linguístico. Por fim, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Análise e discussão dos dados

Tendo em vista que os falantes adequam seu modo de falar às circunstâncias sociais, levando em conta graus de maior ou menor formalidade atribuídos socialmente a cada situação comunicativa e considerando que as variantes do paradigma do *nós* são as formas abonadas nos manuais normativos, logo, são objetos de ensino nas escolas, acreditamos que, na situação de apresentação de seminário na faculdade, essas variantes sejam as preferidas pelos falantes, ao passo que, na situação de conversa com o melhor amigo, haja uma preferência maior pelas formas *a gente*, *para a gente*, *com a gente* e *da gente*.

Ainda com o intuito de checar se dados de percepção vão na mesma direção de dados de produção, reanalisamos *nós* e *a gente* não sujeito de Vitorio (2017a) considerando os contextos objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial e relações de posse, conforme tabela 2, e verificamos que, nos contextos objeto direto e adjunto adverbial, *a gente* e *com a gente* são as formas preferidas, apresentando percentuais de 90%, caso que também ocorre no contexto objeto indireto, mas com um percentual menor de realização de *para a gente* – 53%. Nas relações de posse, *nosso(a)(s)* ainda é a forma preferida – 85% contra 15% de *da gente*.

Tabela 2: Realizações das variantes de *nós* e *a gente* segundo contexto sintático

Contextos sintáticos	Variantes de <i>nós</i>		Variantes de <i>a gente</i>	
	Aplic. / Total	%	Aplic. / Total	%
objeto direto	2 / 21	10%	19 / 21	90%
objeto indireto	9 / 19	47%	10 / 19	53%
adjunto adverbial	1 / 10	10%	9 / 10	90%
relações de posse	66 / 78	85%	12 / 78	15%

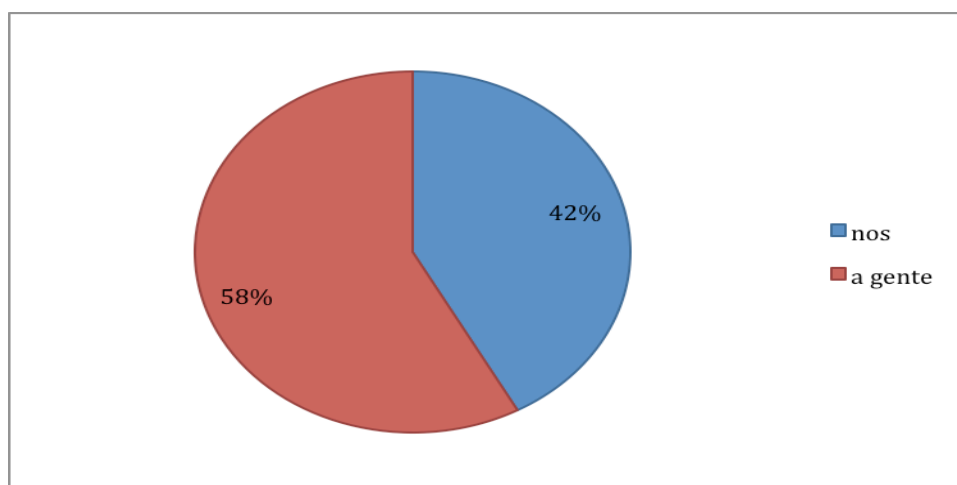
Fonte: elaborada pela autora

No contexto de objeto direto, como observamos em (1) e (2), os falantes maceioenses não só produzem mais a forma *a gente* – 90% contra apenas 10% de *nos*, como também acreditam usar mais essa variante, mas com um percentual menor de aplicação – 58% *versus* 42% de *nos*, conforme gráfico 2. Esses dados revelam que os dados de percepção caminham na mesma direção dos dados de produção, com a variante *a gente* sendo a forma preferida nesse contexto sintático. A diminuição na preferência pelo uso de *a gente* pode estar associada à não presença dessa variante nos instrumentos normativos e à situação social.

(1) *a gente* controlava e ao controlar *nos* colocamos em risco né? (L31L4310)¹

(2) o meu pai coloca grade na casa pra se proteger da violência /mais, mas/ num vai mudar o quadro – isso aí *a gente* tá tentando preservar *a gente* (L6L832)

Gráfico 2: A 1PP no contexto de objeto direto



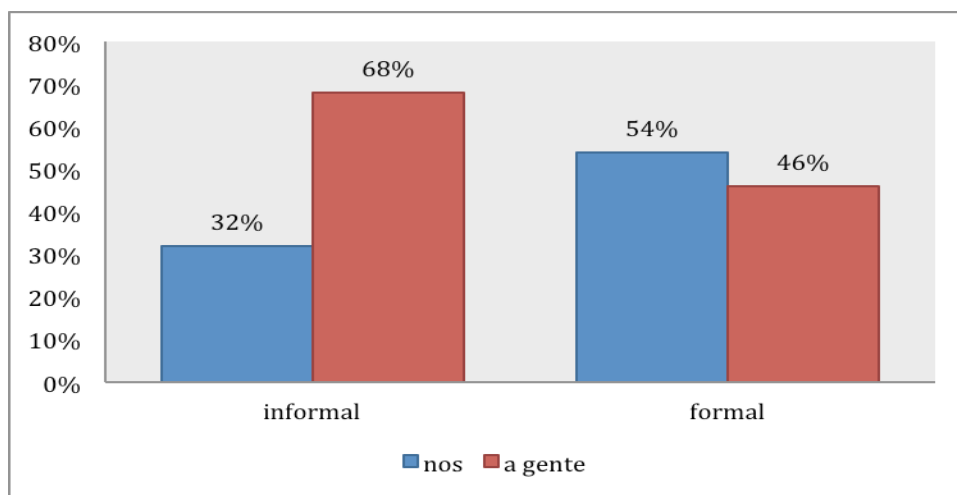
Fonte: elaborado pela autora

Ao analisarmos a escolha dessas variantes tomando por base a informalidade e formalidade da situação comunicativa, verificamos, conforme gráfico 3, que, a depender da situação comunicativa, as normas subjetivas dos falantes apresentam escolhas diferentes. Enquanto, no contexto informal (conversa com o melhor amigo), *a gente* é a variante

¹ Os exemplos expostos neste trabalho fazem parte da amostra utilizada por Vítório (2017a), que é composta por 72 entrevistas sociolinguísticas de falantes maceioenses, coletadas no ano de 2010 e estratificadas segundo as variáveis sexo/gênero, escolaridade e faixa etária.

selecionada – 68% contra 32% de *nos*, no contexto formal (apresentação de seminário), *nos* é a forma preferida – 54% *versus* 46% de *a gente*, o que parece indicar que estamos diante de um traço linguístico social e estilisticamente marcado, conforme Labov (1972).

Gráfico 3: A 1PP no contexto de objeto direto segundo a situação comunicativa



Fonte: elaborado pela autora

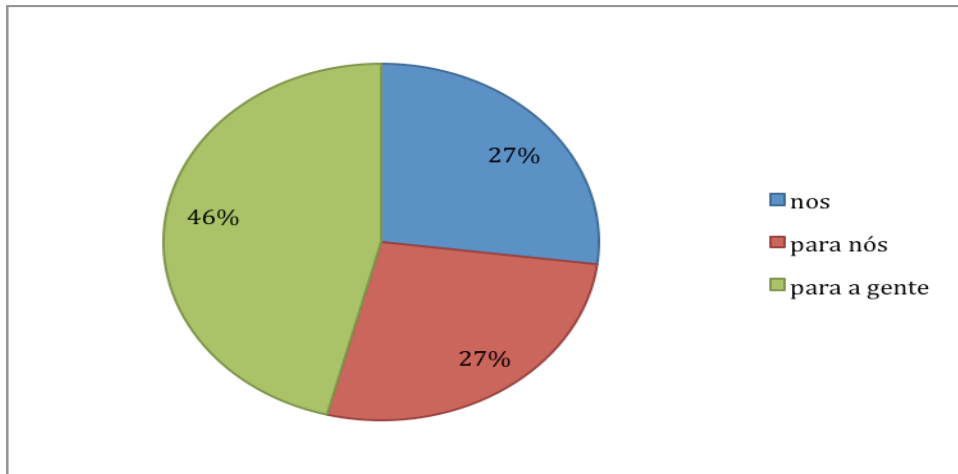
Em relação à realização de *nós* (e suas variantes) e *a gente* no contexto sintático em que a gramática tradicional adota a terminologia generalizante de objeto indireto, como observamos em (3), (4) e (5), verificamos que dados de produção e dados de percepção apresentam resultados diametralmente opostos, enquanto os dados de produção mostram 47% de uso para *nós* (e suas variantes) contra 53% de *a gente*, os dados de percepção apontam 54% para *nós* (e suas variantes) *versus* 46% de *a gente*, revelando, assim, conforme gráfico 4, percentuais de 27% de *nos*, 27% de *para nós* e 46% de *para a gente*.

(3) *a gente* tem um armazém de construção e tem um ano que *a gente* abriu /mais, mas/ assim novo no comércio porque *a gente* não mexia nada em material de construção aí um primo dele *nos* cedeu um funcionário que tinha (L36L4783)

(4) é aquele povo falando a língua mãe dele *pra nós* e dizendo *pra nós* da importância de que a cultura precisa passar de um homem para o outro (L70L8858)

(5) quer dizer nada contra quem bebe não tou aqui criticando colocando assim situações que as pessoais colocam *pra gente* né? (L70L8803)

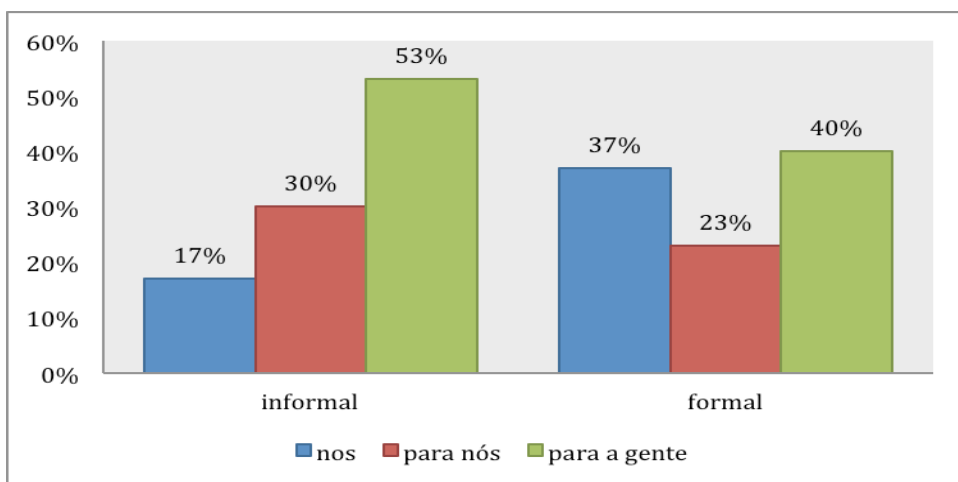
Gráfico 4: A 1PP no contexto de objeto indireto



Fonte: elaborado pela autora

Ao analisarmos esses dados levando em consideração a situação comunicativa, verificamos, conforme gráfico 5, que tanto no contexto informal (conversa com o melhor amigo) quanto no contexto formal (apresentando seminário), *para a gente* é a variante preferida, apresentando percentuais de 53% e 40%. A variante *nos*, por sua vez, apresenta percentual baixo no contexto informal – 17%, mas aumenta a sua preferência no contexto formal – 37%, caso que não ocorre com a forma *para nós*, que, ao passar do contexto informal para o contexto formal, diminui o seu percentual de uso de 30% para 23%.

Gráfico 5: A 1PP no contexto de objeto indireto segundo a situação comunicativa



Fonte: elaborado pela autora

Ao considerarmos o tratamento dado a essas variantes nos manuais normativos (CUNHA; CINTRA, 2001; BECHARA, 2001; SACCONI, 2001; AZEREDO, 2008), verificamos que a referência ao uso de *a gente* se destina à linguagem coloquial e à posição de sujeito, não havendo referência ao seu uso nas funções de complemento, com as formas *nos* e *nós* sendo as recomendadas, com o *nos* podendo ser utilizado tanto na função de objeto direto quanto de objeto indireto e o *nós* podendo ser usado como oblíquo quando regido de preposição, como “Clarisse trouxe um livro para **nós**” (SACCONI, 2001, p. 197).

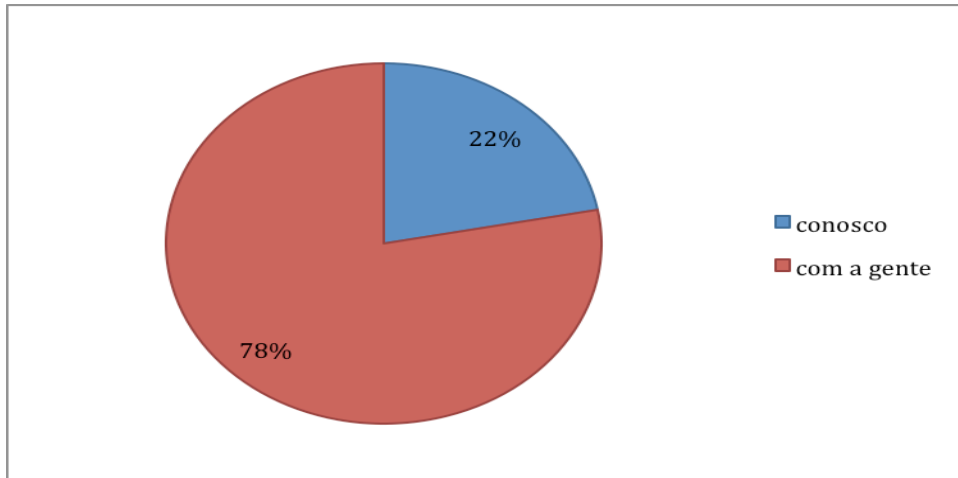
Se levarmos em consideração que a construção de crenças linguísticas é também regida por instrumentos normativos (gramáticas, compêndios, livros didáticos), observamos que as variantes *nos* e *para nós* no contexto de objeto indireto, que são abonadas em fontes institucionais, apresentam avaliações linguísticas diferenciadas na comunidade de fala maceioense, havendo uma associação entre o uso do clítico *nos* e o contexto de maior formalidade (fala apresentando seminário), caso que não ocorre com a forma *para nós*, que é mais associada ao contexto de menor formalidade (conversa com o melhor amigo).

Em relação às realizações das variantes *conosco* e *com a gente* em contexto sintático de adjunção, como observamos em (6) e (7), verificamos que *com a gente* é a forma preferida pelos falantes tanto em dados de produção – 90% *versus* 10% de *conosco* – quanto em dados de percepção – 78% *versus* 22% de *conosco* – conforme gráfico 6, o que parece indicar que, nas funções de complemento e adjunto, esse é o contexto sintático que mais favorece a implementação da variante inovadora na comunidade em estudo, embora as normas subjetivas dos falantes maceioenses apresentem uma redução na escolha da forma *com a gente*.

(6) eu acho que não aconteceu nada *conosco* naquele dia porque foi Deus que colocou sua mão para nos proteger daqueles bandidos (L72L9175)

(7) eu acho que quando tem que acontecer alguma coisa *com a gente* acontece – seja onde for – que nem o menino no Rio – num sei se você viu a semana passada – tava na igreja quando saiu o cara foi atirar no pai dele e bateu nele (L10L1470)

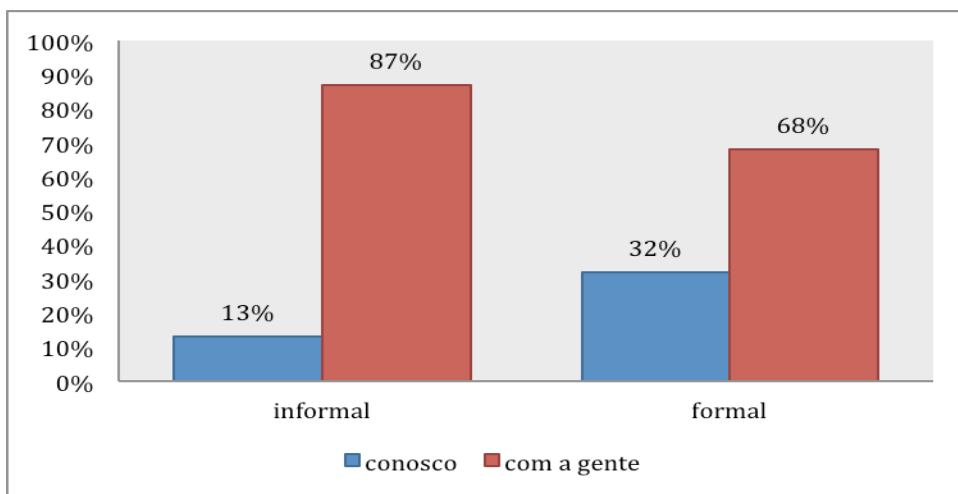
Gráfico 6: A 1PP no contexto de adjunção



Fonte: elaborado pela autora

Ao analisarmos a escolha dessas variantes tomando por base a informalidade e formalidade da situação comunicativa, verificamos, conforme gráfico 7, que *com a gente* é a forma preferida tanto no contexto informal (conversa com o melhor amigo) quanto no contexto formal (fala apresentando seminário), apresentando, respectivamente, percentuais de 87% e 68%, o que revela também que, na situação mais formal, há uma redução pela preferência dessa variante, aumentando, assim, a escolha pelo uso da variante padrão *conosco*, que passa de 13% no contexto informal para 32% no contexto formal.

Gráfico 7: A 1PP no contexto de adjunção segundo a situação comunicativa



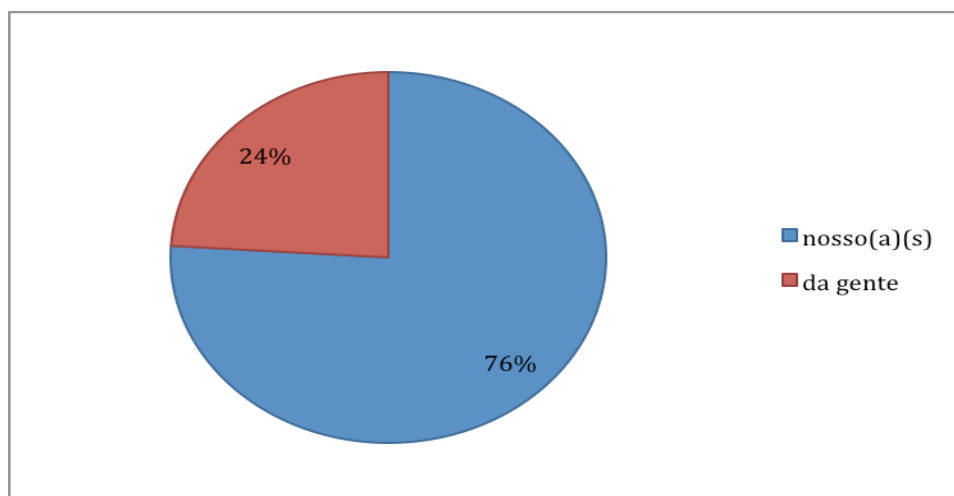
Fonte: elaborado pela autora

No que diz respeito às realizações das variantes *nosso(a)(s)* e *da gente*, como observamos em (8) e (9), estudos de produção apontam que esse é o contexto sintático que mais inibe a entrada de *a gente* (NEVES, 2002; RAFAEL, 2010; VIANNA: LOPES, 2012; ARAÚJO; ALMEIDA, 2014; VITÓRIO, 2017a). Esse comportamento também é verificado na fala maceioense, tanto para dados de produção – 85% para *nosso(a)(s)* contra 15% para *da gente* – quanto para dados de percepção, que apontam que os falantes preferem mais o uso do pronome conservador – 76% contra 24% do pronome inovador – conforme gráfico 8.

(8) um conhecido *nosso* ele saiu do trabalho ele tava indo uma meia noite mais ou menos – aí foi pegar o corujão – junto cuns outros amigos (L4L541)

(9) eu acho engraçado porque as meninas estavam contando na aula – inclusive uma colega *da gente* tava contando isso (L5L693)

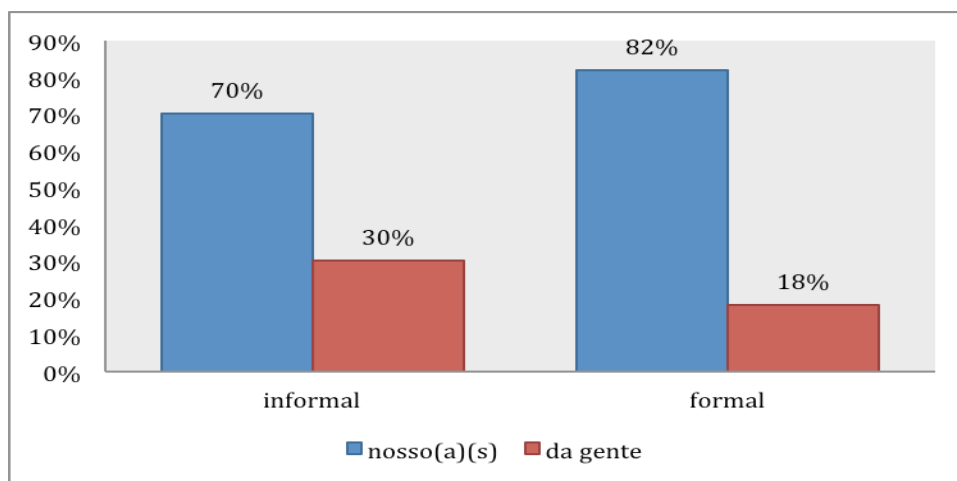
Gráfico 8: A 1PP no contexto de relações posse



Fonte: elaborado pela autora

Ao analisarmos a escolha dessas variantes levando em consideração a situação comunicativa (informal e formal), verificamos, conforme gráfico 9, que, tanto no contexto informal (conversa com o melhor amigo) quanto no contexto formal (fala apresentando seminário), a variante conservadora – *nosso(a)(s)* – é a forma preferida pelos falantes maceioenses, apresentando percentuais de 70% e 82%, respectivamente. Em relação ao uso da forma *da gente*, verificamos que sua escolha é mais frequente no contexto informal, apresentando percentual de 30% contra 18% no contexto formal.

Gráfico 9: A 1PP no contexto de relações de posse segundo a situação comunicativa



Fonte: elaborado pela autora

Omena (2003), ao analisar a referência à 1PP, argumenta que:

O uso de *a gente* por *nós* avançou mais em alguns contextos do que em outros: predomina na função de adjunto adverbial – *com a gente* é bem mais frequente do que *conosco*, chegando a ser categórico entre as crianças. Na função de complemento e de sujeito, com taxas diferentes entre crianças e adultos, *a gente* predomina; há pouca incidência na função do adjunto adnominal – *da gente* –, como preferência para o possessivo – *nosso(s)*, *nossa(s)*. (OMENA, 2003, p. 65).

É o que verificamos ao compararmos dados de produção e dados de percepção da expressão da 1PP em contextos sintáticos de complementação e adjunção na fala maceioense. Enquanto há contextos que inibem a entrada do pronome inovador, como é o caso das relações de posse, com a variante *nosso(a)(s)* sendo a preferida, há contextos em que a implementação de *a gente* está bem avançada, como é o caso do contexto de adjunção, com a forma *com a gente* sendo a selecionada nas diferentes situações comunicativas, o que parece não haver, na fala maceioense, avaliação negativa em relação ao uso dessas formas.

Considerações finais

Tendo em vista que as variantes linguísticas, apesar de apresentarem os mesmos significados referenciais, podem também apresentar significados sociais diferentes a depender

de fatores sociais, estilísticos, pragmáticos e discursivos (LABOV, 1972; 2003), mensuramos, nesta pesquisa, as normas subjetivas dos falantes maceioenses em relação à representação da primeira pessoa do plural – *nós* (e suas variantes) e *a gente* – nos contextos sintáticos de complementação e adjunção, tomando por base a situação comunicativa informal (conversa com o melhor amigo) e formal (fala apresentando seminário da faculdade).

Para tanto, elaboramos um teste de reação subjetiva e verificamos que os julgamentos dos falantes sinalizam que, apesar de *a gente* ser aceitável tanto em contexto informal quanto em contexto formal, há funções sintáticas em que essa variante é menos aceitável, principalmente no contexto formal, como objeto direto e relações de posse. Esses dados também parecem indicar que *a gente* não sujeito funciona como um marcador linguístico, ou seja, um traço linguístico que exhibe estratificação tanto estilística quanto social, mas abaixo do nível de consciência, suscitando, assim, respostas regulares em testes avaliativos.

Essas considerações são ainda questões que vêm sendo formuladas e testadas na comunidade em estudo. Logo, julgamos pertinente a aplicação de outros testes de reações subjetivas, o que nos permitirá ampliar o diálogo entre estudos de produção e percepção. No entanto, salientamos a relevância desta pesquisa para a descrição e análise da variação na expressão de primeira pessoa do plural e para as discussões acerca do problema empírico da avaliação linguística. Da mesma forma, os resultados a que chegamos somam informações importantes sobre o estatuto da variação *nós* e *a gente* não sujeito na fala maceioense.

Referências

ARAÚJO, S.; ALMEIDA, R. A forma possessiva *da gente* em comunidades rurais do semiárido baiano. In: ALMEIDA, N.; CARNEIRO, Z. (Org). Variação linguística no semiárido baiano. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

AZEREDO, C. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREITAG, R. et al. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização de “português brasileiro”. Signo y Señá, n. 28, p. 65-87, 2015.

FREITAG, R. et al. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do sul e do nordeste. Todas as Letras, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016.

- LABOV, W. Sociolinguistics patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C.; TUCKER, G. R. (Orgs.). Sociolinguistics: the essential Reading. Oxford: Blackwell, 2003.
- LOPES, C. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKIMIM, T.. (org.). Para a história do português brasileiro: novos estudos. São Paulo: Humanitas, 2002.
- LOPES, C. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.
- MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015.
- NEVES, M. Possessivos. In: CASTILHO, A. (Org.). Gramática do português falado. V. III: As abordagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- OMENA, N. Projeto subsidies sociolinguísticos do projeto censo à educação. Vol. II. Relatório final apresentado ao FINEP, out/1986.
- OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, G.; SCHERRE, M. (orgs). Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.
- OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, Maria; DUARTE, Eugênia. (Orgs.). Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- RAFAEL, N. Variação, mudança e ensino: o caso dos pronomes possessivos ‘da gente’ e nosso(a) (s) em uma abordagem sociofuncionalista. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.
- RAMOS, C.; BEZERRA, J.; ROCHA, M. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. Revista Signum. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.
- SACCONI, L. Nossa gramática: teoria e prática. Saraiva: São Paulo, 2001.
- TAMANINE, A. Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR. Tese de Doutorado em Letras. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.
- VIANNA, J.; LOPES, C. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. Calígrama, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, J.; LOPES, C. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In. MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015.

VITÓRIO, E. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complement e adjunto na cidade de Maceió/AL. *Letrônica*, Porto Alegre, v.10. n.1 p. 122-138, janeiro-junho, 2017a.

VITÓRIO, E. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes nós e a gente na cidade de Maceió/AL. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 40, jan/abr, 2017b.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*. University of Texas Press, 1968.

Artigo recebido em: 29/03/2018.

Artigo aceito em: 02/08/2018.

Artigo publicado em: 02/08/2018.